

**SER PROFESSOR DE MATEMÁTICA:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NO PERÍODO DE PANDEMIA
DA COVID-19**

**BEING A MATHEMATICS TEACHER:
AUTOBIOGRAPHIC NARRATIVES IN THE COVID-19 PANDEMIC
PERIOD.**

**SER PROFESOR DE MATEMÁTICAS:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS EN EL PERÍODO DE LA PANDEMIA COVID
-19**

Walter Walentino da Cruz¹
Alessandro Tomaz Barbosa²

Resumo

O presente artigo objetivou refletir e discutir o meu percurso enquanto professor de Matemática no atual período de pandemia da COVID-19, apontando as dificuldades e os desafios encontrados na utilização de ferramentas virtuais nas aulas remotas. O relato de experiência apresentado neste texto aproxima-se de uma narrativa autobiográfica (memórias), pois busca refletir a minha experiência como professor de Matemática da Educação Básica em meio a pandemia da COVID-19. As reflexões sobre a utilização desses meios virtuais tomaram como base a perspectiva freireana aliada aos pressupostos da Etnomatemática. Entre as ferramentas virtuais utilizadas, destaco neste relato de experiência o *Google Sala de Aula*, o *Google Meet*, o *WhatsApp* e a Plataforma *Palmas Home School*. A partir deste relato, concluo que, para construir uma educação que realmente coloque o aluno como protagonista no processo de transformação social, faz-se necessário ainda avançar nos métodos disponíveis para a aplicação desses recursos virtuais.

Palavras-chave: COVID-19; Ensino remoto; Colonialidade; Ferramentas digitais Aprendizagem.

Abstract

This article aimed to reflect and discuss my pathway as a math teacher in the current pandemic period of COVID-19, focusing the difficulties and challenges faced in the use of virtual tools in remote classes. The experience report presented in this essay is close to an autobiographical narrative (memoirs), as I seek to rescue my experience as a math teacher in Basic Education in the midst of the COVID-19 pandemic. The reflections on the use of these virtual media were based on the students' mathematical learning in the Freirean perspective linked to the assumptions of Ethnomathematics. Among the virtual tools used, I highlight in this experience report Google Classroom, Google Meet, WhatsApp and the Palmas Home School Platform. From this report, I conclude that, in order to build an education that really places the student as a protagonist in the process of social transformation, it is still necessary to advance in the methods available for the application of these virtual resources.

Keywords: COVID-19; Remote teaching; Coloniality; Virtual tools; Learning.

¹ Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professor na SEDUC-TO e SEMED-Palmas/TO, Brasil. E-mail: walter.cruz@mail.uft.edu.br

² Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína, TO, Brasil. E-mail: alessandrobarbosa@uft.edu.br

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo reflexionar y discutir mi trayectoria como profesor de matemáticas en el actual período pandémico de COVID-19, señalando las dificultades y desafíos encontrados en el uso de herramientas virtuales en clases remotas. El relato de experiencia que se presenta en este texto se acerca a una narrativa autobiográfica (memorias), ya que busco rescatar mi experiencia como profesor de matemáticas en Educación Básica en medio a la pandemia del COVID-19. Las reflexiones sobre el uso de estos medios virtuales se basaron en el aprendizaje matemático de los estudiantes en la perspectiva freireana combinada con los supuestos de la Etnomatemática. Entre las herramientas virtuales utilizadas, destaco en este informe de experiencia el Google Classroom, Google Meet, WhatsApp y la Plataforma Palmas Home School. De este informe concluyo que, para construir una educación que realmente ponga el alumno como protagonista en el proceso de transformación social, es necesario avanzar más en los métodos disponibles para la aplicación de estos recursos virtuales.

Palabras clave: COVID-19; Enseñanza remota; Colonialidad; Herramientas virtuales; Aprendizaje.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Paulo Freire, 2013.

1 Introdução

As dificuldades que muitas pessoas possuem com relação à aprendizagem Matemática, as dificuldades de interpretar e relacioná-la com a prática cotidiana e principalmente a passividade com que as pessoas tratam e aceitam o não aprender Matemática sempre me deixaram inquieto.

Eu sempre vi a Matemática como uma forma de questionar as mazelas e as realidades do mundo em que vivemos, uma vez que, ao observarmos os números nas suas mais variadas formas de apresentação, podemos enxergar o mundo com um olhar mais criterioso e questionador. Através dos números, podemos verificar que a realidade que vivemos e vemos nem sempre é a que queremos, mas sim a que nos é imposta. Nos é imposta por um sistema europeu que persiste desde o período colonial com propósitos bem definidos: manutenção e fortalecimento de grupos hegemônicos que se aproveitam da miséria social para manter seu poder econômico e social.

Essa manutenção de poder não é mais garantida como no período colonial, através da força bruta (colonialismo). Ela se apresenta com uma nova roupagem, em forma de uma pseudodemocracia, onde constroem-se documentos “coletivamente”, dando a falsa impressão que atende a interesses sociais e culturais, mas que na realidade sujeita a sociedade aos desejos de um determinado grupo social elitista em detrimento de outro (colonialidade). Como destaca Maldonado-Torres.

Colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”; e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de

existir até mesmo na ausência de colônias formais (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 35).

Esse novo modelo de dominação e manutenção do poder hegemônico ganha especial força na Colonialidade do Saber que segundo Martins (2019) “diz respeito a um modo único de conceber o conhecimento e as racionalidades, que advém somente dos conhecimentos produzidos por homens brancos e europeus”.

Dentro deste contexto, a educação é campo fértil para a disseminação das ideias desses grupos hegemônicos, uma vez que trabalha com a formação das pessoas. E com um olhar mais crítico podemos perceber como a educação pode se transformar em uma ferramenta de manutenção de poder.

Com a implantação da nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular) o discurso que nós professores e sociedade em geral escutávamos nos meios de comunicação é que esta mudança veio para atender as novas demandas e que o jovem precisava acompanhar o “desenvolvimento” do país e que a educação tinha papel fundamental nesse processo. Estamos vivendo em um mundo tecnológico e precisamos nos adaptar, uma vez que dentro da sociedade em que vivemos o desenvolvimento tecnológico é visto por grande parte da população como sinônimo de “modernidade e prosperidade”.

Basta dar uma volta pelas rodovias do país que realmente vemos toda a prosperidade que o desenvolvimento tecnológico pode propiciar, através das plantações de monoculturas e criações de gado que ganham muita força com o jargão “agro é tech, agro é pop, agro é tudo” mostrando a capacidade de produção agropecuária do país. Além dessa área, vemos também o desenvolvimento das indústrias, das usinas de exploração de petróleo, energia e minérios dentre outros, porém toda essa prosperidade econômica não é sinônimo de desenvolvimento social.

O Brasil, com todo esse desenvolvimento econômico que foi apresentado, é o que vemos de dentro de um automóvel ou nas propagandas em grandes mídias do país. O Brasil que realmente temos se apresenta com maior força nas periferias das cidades o que até então era silenciado e ocultado e que agora é mostrado escancaradamente nos meios de comunicação para todos verem devido aos efeitos que a Pandemia da COVID-19 vem causando em especial na camada mais pobre do país, uma vez que este grupo necessita de um sistema público de saúde que vem sendo sucateado há anos devido a falta de investimentos. Um país desigual em que a vida é medida pelo poder econômico e cuja população está à mercê de políticos que estão a serviço das grandes corporações.

Diante dessa realidade, o presente artigo objetivou refletir e discutir o meu percurso enquanto professor de Matemática no atual período de pandemia da COVID-19, apontando as dificuldades e os desafios encontrados na utilização de ferramentas virtuais nas aulas remotas.

2 Procedimentos Metodológicos

O relato de experiência apresentado neste texto aproxima-se de uma narrativa autobiográfica (memórias), pois busco refletir sobre minha experiência como professor de Matemática da Educação Básica em meio a pandemia da COVID-19. Essa perspectiva teórica

se enquadra na pesquisa qualitativa, na qual, o sujeito relata por escrito uma experiência vivencial.

Segundo Ventura e Cruz (2019), o cenário atual é de valorização dos relatos pessoais e autobiográficos, de modo que pesquisas narrativas vêm alcançando patamares cada vez mais importantes no cenário das investigações em ciências humanas, ganhando espaço como metodologia de pesquisa.

As reflexões sobre a utilização desses meios virtuais tomaram como base a perspectiva freireana aliada aos pressupostos da Etnomatemática.

3. Resultados e discussão

Nesta seção do trabalho, inicio narrando a minha vivência ao ingressar no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGEcim/UFT) em plena pandemia da COVID-19. Em seguida, apresento os desafios relacionados ao uso das ferramentas digitais nas aulas de Matemática durante essa pandemia. Desse modo, apresento a seguir minha narrativa autobiográfica.

3.1 O ser professor de Matemática e a pandemia: ingresso no mestrado e conjuntura política

Trabalhando na educação pública como professor de Matemática, desde a minha formação, em periferias da cidade, sempre foi corriqueiro ver alunos em estado de vulnerabilidade, uma vez que como foi mencionado acima vivemos em um país desigual, elitista e que usurpa os direitos das crianças e jovens pobres desde seu nascimento, além de oferecer poucas possibilidades de ascensão social. Mesmo tendo a consciência do país em que vivemos e de suas desigualdades provocadas intencionalmente nunca pensei que em minha vida tanto profissional quanto pessoal passaria por tantas provações e veria tantas pessoas em estado de miséria.

Iniciei o ano de 2020 com planos de melhorar minha trajetória como profissional na área da educação, uma vez que pleiteava junto à UFT (Universidade Federal do Tocantins) uma vaga no curso de Mestrado Acadêmico no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGecim). Passei por todas as etapas com êxito e no dia 13/03/2020 saiu o resultado final com meu nome no edital de aprovação, motivo este de muita alegria, porém sem comemorações, uma vez que nesse mesmo período as aulas das redes públicas e privadas de Palmas-To estavam sendo suspensas devido a Pandemia da COVID-19 e as notícias que chegavam até nós pelos meios de comunicação em relação às providências que o Governo Federal estavam tomando não eram nada satisfatórias, nem tão pouco eficientes, uma vez que grande parte da composição deste governo é negacionista da ciência e já vinha trabalhando o seu desmonte a algum tempo, como aponta *Márcio de Castro Silva Filho* em um artigo publicado na revista da USP.

A ciência no Brasil ruma para o desmonte, com cortes inimagináveis, sobretudo para a formação de novos pesquisadores. Os laboratórios de pesquisa estão sendo sucateados. Os cientistas, ignorados de uma maneira sem precedentes. O governo vem adotando políticas indubitavelmente anticientíficas. A pesquisa científica feita principalmente nas universidades públicas é totalmente negligenciada, com decisões que buscam o desmonte de uma estrutura que tem contribuído com a formação de competência, desenvolvimento e justiça social. O desprezo pelo conhecimento científico por parte do governo tem gerado efeitos catastróficos para o Brasil, seja na saúde, seja no meio ambiente, seja na educação (FILHO, 2020).

Em abril de 2020 inicia-se o tão sonhado mestrado, o que me trouxe um pouco de paz, uma vez que, a partir deste momento, eu passei a ocupar minha mente com estudos e esquecia mesmo que por alguns minutos a tragédia que instaurava-se em nosso país, tanto política quanto sanitária. Política por termos um Chefe do Executivo Federal negacionista da ciência que passou a orientar que fossem tomados medicamentos como meio preventivo sem o aval da OMS (Organização Mundial da Saúde) e da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), inclusive fazendo propaganda nos meios de comunicação. Tal postura fez com que o país se dividisse em dois grupos, um que defendia o uso de medicamentos sem eficácia comprovada cientificamente e com este pensamento não obedeciam às recomendações sanitárias e outro grupo que procurava seguir as recomendações da OMS para enfrentar o momento da melhor forma possível e tentar sair o mais rápido dessa situação tenebrosa que assola o país com o menor número de perdas possível.

O que se instaurou no país a partir daí foi uma guerra política em que cada “representante” do povo se preocupava mais com suas vaidades políticas de que com o bem estar do povo brasileiro e o que se via, dia após dia, era a contagem de mortes e enfermos causados por essa doença que ainda era uma incógnita para cientistas de todo o mundo aumentar de forma exponencial gerando assim, uma imensa crise sanitária, com hospitais superlotados, profissionais da saúde exaustos devido a sobrecarga de trabalho e falta de equipamentos. E mesmo após a OMS e vários médicos infectologistas do Brasil e do Mundo inteiro terem alertado sobre o perigo iminente, o governo vigente ainda insiste em orientar a população a tomar medidas sem eficácia alguma

3.2. O Ser professor de Matemática e a pandemia: o uso das ferramentas digitais

De março a junho de 2020 procurei ocupar meu tempo com estudos para o aperfeiçoamento profissional, revezando o tempo entre as matérias do mestrado e os cursos que eram oferecidos por instituições dos mais variados locais do país, uma vez que devido às medidas restritivas e orientações sanitárias tínhamos que ficar em casa para manter o distanciamento social e, dessa forma, os cursos de aperfeiçoamento e os seminários que estavam programados para serem ofertados de forma presencial começaram a ser ofertados de forma on-line via Google Meet, Zoom, Youtube, dentre outros meios de comunicação, o que facilitou muito o acesso. Nesse período, participei de palestras de pessoas que talvez nunca participaria se fosse de forma presencial, fato que me deixava feliz, porém com pouco a se comemorar.

Este período não foi fácil! Acredito eu que tanto para mim quanto para os professores do mestrado e os palestrantes, uma vez que quase em todos os momentos era comum escutar as mais variadas reclamações sobre o formato da apresentação, a impessoalidade, a falta de aparato eletrônico, internet de baixa qualidade, dentre outras. Até então os meus problemas pareciam ser menores que os dos que estavam do outro lado, uma vez que, aparentemente, os meus problemas eram lidar com o medo da doença e a internet que às vezes falhava e atrapalhava o desenvolvimento das aulas e das atividades.

Em julho de 2020 iniciam-se as aulas de forma remota, tanto na Rede Estadual de Ensino do Tocantins, quanto na Rede Municipal de Ensino de Palmas – To, redes estas em que sou professor desde 2010. Foi aí que eu senti na pele o que os professores e palestrantes falavam e realmente pude constatar que os problemas deles eram bem maiores que os meus como aluno e ouvinte. Iniciamos as aulas sem o mínimo de preparo, uma vez que antes desse período de pandemia e até mesmo durante os quatro meses que antecederam o início das aulas remotas não nos foi oferecido nenhum curso de capacitação e/ou formação em mídias digitais, nem tão pouco na produção de materiais para divulgação nesses meios por

parte das secretarias de educação, talvez por jamais esperarem que algum dia viveríamos momentos tão difíceis. Dentro desse contexto é necessário se reinventar, como aponta (SILVA 2020):

É preciso modificar o planejamento pedagógico e encontrar alternativas para envolver, motivar e propiciar o desenvolvimento dos estudantes, mesmo que a distância. A profissão de professor envolve muita relação interpessoal e acolhimento. Talvez aqui esteja a maior perda. A falta do olho no olho e das interações entre professores e alunos assim como entre alunos e os colegas. Um dos principais desafios é adequar aulas, materiais e atividades para outro modelo que não o presencial.

Assim, me vi diante de vários desafios que precisavam ser superados, dar continuidade ao curso de mestrado, superar os traumas causados pela pandemia que foi se instaurando silenciosamente, dar atenção a minha família e oferecer um ensino com a melhor qualidade possível. Mesmo em um período tão difícil e sem a formação necessária para tal, inspirado em Paulo Freire me propus nesta aventura.

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tomamos capazes de *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p. 69)

Dessa forma, além das atividades propostas pela plataforma Google Sala de Aula e Palmas Home School me dispus a acompanhar meus alunos via Google Meet e WhatsApp, o que não estava sendo exigido no momento. Nesse período, pude perceber que as faltas de habilidades com tecnologias não eram só minhas, os alunos também as tinham. Não conseguiam instalar os aplicativos, para entrar na sala de aula e quando o faziam geralmente não ficavam por muito tempo, pois acessavam com internet de dados móveis e quase sempre não contavam com o suficiente para concluir a aula, dificuldade para entregar as atividades, tanto por não terem internet para fazê-las, quanto na postagem nos ambientes virtuais, uma vez que não estavam familiarizados com o modelo. Além da dificuldade em dominar os ambientes virtuais (SILVA, 2020) aponta que “outro grande desafio é a falta de infraestrutura necessária para aulas a distância nos lares, especialmente em se tratando de estudantes da escola pública. Essa questão, de *homeschooling*, não pode ficar à margem, pois temos que garantir uma educação não excludente”.

A proposição de aulas via Google Meet e WhatsApp foi tanto proveitosa quanto desgastante. Foi proveitosa porque permitia uma maior aproximação dos alunos e com isso ficava mais fácil acompanhá-los mais de perto em suas dificuldades. E foi desgastante porque minha casa que até então era o ambiente de aconchego e descanso passou a ser um ambiente de trabalho e conseqüentemente de esgotamento tanto físico quanto psicológico. Perdeu-se completamente a noção de tempo, uma vez que aos olhos dos alunos meus horários tinham que estar alinhados aos deles e com isso as abordagens se davam nos horários mais diversificados e em qualquer dia da semana e, além de tudo isso, ainda tinha as interferências de pais que invadiam a aula sem se quer pedir licença, fazendo indagações que não cabiam para o momento, dentre elas eu destaco uma que me chamou muito a atenção. Um pai interrompe a aula e me questiona se eu não ia dar aula de Matemática. Nesse momento me veio à mente o que pontua D’Ambrosio (2009).

A proposta pedagógica da etnomatemática é fazer da matemática algo vivo, lidando com situações reais no tempo [agora] e no espaço [aqui]. E, através da crítica, questionar o aqui e agora. Ao fazer isso, mergulhamos nas raízes culturais e praticamos dinâmica cultural. Estamos, efetivamente,

reconhecendo na educação a importância das várias culturas e tradições na formação de uma nova civilização, transcultural e transdisciplinar (D'AMBROSIO 2009. p. 46).

Infelizmente, ainda nos deparamos com a perspectiva tradicional de ensino que reduz a Matemática a cálculos numéricos dissociados das práticas cotidianas muito distante de ser uma ferramenta capaz de contribuir para o processo de transformação social, uma educação “bancária” como aponta Freire (2013).

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, Segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE 2013, p. 81).

Com uma educação nesses moldes é normal causar estranheza quando incorporamos às aulas de Matemática com temas sociais, transversais ou culturais, porém nós como professores da referida matéria temos que estar sempre dispostos a mudar essa visão do processo educacional e estar sempre ativos na busca por uma educação realmente libertadora que coloque o aluno a questionar seu lugar dentro da sociedade.

Nós, matemáticos temos um cabedal de conhecimentos acumulado durante milhares de anos, através de várias culturas, e há uma coincidência surpreendente entre o desenvolvimento matemáticos nessas várias culturas, talvez mais do que qualquer outra manifestação do conhecimento humano, a matemática seja universal. Assim sendo, permite uma análise crítica sobre seu papel na melhoria da qualidade de vida, com inúmeras interpretações sobre o que representa a ciência para o bem-estar do homem. (D'AMBROSIO 1986, p. 16)

Mesmo tendo consciência da minha função enquanto professor e da formação cultural imposta pelos europeus a qual a sociedade está submetida a séculos, penso que há certos limites que precisam ser respeitados e dentro deste cenário acredito que antes de desqualificar o trabalho que está sendo desenvolvido, é necessário que se procure saber o que está acontecendo naquele contexto e que as intervenções sejam feitas nos momentos adequados. Dessa forma, com tantas interferências e atropelos, tive que cancelar as aulas via Google Meet e WhatsApp porque não estava sobrando tempo e nem saúde psicológica para outros fazeres que a cada dia se tornavam mais necessários.

Hoje estou em afastamento para aperfeiçoamento profissional tanto no Estado quanto no Município, porém com preocupações que afloraram com muita força. Esse período de pandemia, de aulas remotas e de polarização política me colocou novamente frente a questões que já me consumiam e que atualmente se fortaleceram devido ao aumento significativo de casos. Questões como a violência contra a mulher, o empobrecimento, a evasão escolar, o preconceito racial, o preconceito contra LGBTQI+, dentre outros. Algumas reivindicações que pareciam atendidas e consolidadas, não só pararam como retrocederam, inclusive com perdas de direitos.

4 Considerações finais

Até a escrita deste artigo, a Covid-19 no Brasil já tinha acometido 11.202.305 casos de infecção, 9.921.994 recuperados e 270.656 mortes (dados retirados do Repositório de dados COVID-19 pelo Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE) da Universidade Johns Hopkins). Ao olhar os números pura e simplesmente, temos a impressão que não é tão grave

assim, afinal o número de casos de infecção e recuperados é muitas vezes maior que o número de mortes. Esse tipo de pensamento nos provoca a deixar um pouco de lado a Matemática acadêmica que foi pensada e construída sobre propósitos econômicos e de dominação e nos permitir analisar estes dados com um olhar mais etnomatemático, como pontua Tamayo-Osório:

É necessária uma descompactação que procure romper com diversas categorias pensadas como “universais”, estudar e questionar não apenas as experiências, identidades e relações históricas que se sustentam na imposição de uma classificação étnico-racial da população mundial colonizada, ao mesmo tempo que questionar a dieta unilateral de imagens sobre a matemática que na escola se processa. (TAMAYO-OSÓRIO, 2017 p. 40-41).

Não podemos tratar as mortes apenas como números, mas sim como fatores de agravante social e cultural, uma vez que toda morte gera consequências irreparáveis, tanto sociais quanto culturais e emocionais. Não podemos naturalizar a morte como vem sendo feito por séculos com os negros, pobres e minorias desse país. Estamos falando de pessoas que têm familiares, vivem em comunidades e que realmente contribuem para o desenvolvimento do país.

Como eu disse na introdução deste artigo, para mim a Matemática sempre serviu como um questionador da sociedade em que vivemos e nos dias atuais o que os números nos apresentam não são nada animadores, porém muito questionáveis. Quando pesquisamos e percebemos que a mortalidade de homens entre 15 e 24 anos causadas por violência acontece majoritariamente na região do nordeste; que a cada 9 horas morre uma mulher no Brasil vítima de violência; que o Brasil possui a 3ª maior população carcerária do mundo e do total 64% são negros; que 13,5 milhões de pessoas estão vivendo em extrema pobreza enquanto 43 pessoas possuem 43,52% da riqueza do país; que a cada hora um LGBTQI+ é agredido; que a população indígena, devido ao massacre que vem sofrendo a séculos, hoje no país representa 0,43% do que já foi; que grande parte da terra (propriedades) do país se concentra nas mãos de poucos latifundiários enquanto a maioria da população se quer tem moradia própria, não podemos tratar apenas como dados numéricos quantitativos, é necessário enxergar estes dados com um olhar mais qualitativo, mais criterioso, pois só assim seremos capazes de entender e de lutar para transformar a realidade social e fazer com que períodos como este que estamos vivendo sejam menos dolorosos para todos nós.

Referências

D'AMBRÓSIO, U.; *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

D'AMBRÓSIO, U. *Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática*. 3 ed. São Paulo: Summus; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões Básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*: Belo Horizonte:

Autêntica, 2019. p. 27-53.

MARTINS, D. A. *Interculturalidade e etnomatemática: reflexões a partir do pensamento decolonial*. In: PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: PERSPECTIVAS CURRICULARES, ÉTICA E COMPROMISSO SOCIAL, 2019, São Paulo, XXIII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. São Paulo. Universidade Cruzeiro do Sul, Campus Amália Franco, 2019. p. 1-12. Disponível em: <http://eventos.sbem.com.br/index.php/EBRAPEM/EBRAPEM2019/paper/viewFile/512/627> Acesso em 10 mar. 2021.

FILHO, M. de C. S. O negacionismo da ciência compromete o futuro do Brasil. *Jornal da USP*, São Paulo, 08 de outubro de 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-negacionismo-da-ciencia-compromete-o-futuro-do-brasil/>

SILVA, Regina. Como o mundo, os professores nunca mais serão os mesmos após a pandemia. *Revista Educação*, São Paulo, 8 jun., 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/06/08/professores-pos-pandemia/> Acesso em: 13 mar. 2021

TAMAYO-OSÓRIO, Carolina. A colonialidade do saber: Um olhar desde a educação matemática. *Revista latino americana de etnomatemática*, 10(3), 39-58

VENTURA, Lidnei; CRUZ, Dulce Márcia. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, jan./mar. 2019